



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

A auto narrativa e o percurso formativo: experiências e vivências a partir da perspectiva autista.

Tamyris Aparecida de Simoni dos Reis¹
Orientadora, Clelia Maria Ignatius Nogueira²
Coorientador, Marcus Bessa Menezes³

Este projeto busca construir uma auto narrativa a partir das vivências particulares, da análise e da interpretação de como se constrói o percurso formativo, as experiências educacionais de uma mulher autista. As investigações a serem realizadas objetivam estudar o autismo e o processo de reconhecimento de direitos da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) a partir da descrição das experiências acadêmicas com a matemática da educação básica ao ensino superior. Para isso será construído um relato contemplando as vivências de uma professora autista bem como os caminhos e descaminhos para a construção de uma carreira na educação, verificar-se-á o impacto desse processo na vivência como docente da matemática e na construção da profissão docente. A metodologia utilizada no trabalho consiste na pesquisa autobiográfica pois ela possibilita a construção de uma narrativa conectando as práticas individuais com vivências universais permitindo expandir as percepções do particular para o geral. As conclusões prévias apontam para a necessidade de se discutir práticas pedagógicas de inclusão que permitam que estudantes autistas ampliem sua percepção de sociedade, se reconheçam como pessoa humana passíveis de desenvolvimento na sua individualidade, no seu profissional dentro de suas potencialidades. Para isso, faz-se necessário metodologias que considerem a inclusão, *a priori*, uma vez que as adaptações para alunos com algum tipo de deficiência são realizadas a partir do insucesso destes em realizar suas atividades. É preciso pensar metodologias que possibilitem trabalhar as habilidades e competências de modo a reduzir as percepções de fracasso que os estudantes inclusos sentem.

Palavras-chave: autismo; auto narrativa; inclusão; ensino de matemática.

Introdução

Nas últimas décadas o estudo sobre o autismo e o processo de reconhecimento de direitos da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) tem avançado em aspectos legais e no âmbito educacional. No entanto, quando se pensa nas metodologias e na organização dos sistemas de ensino percebe-se que pouco se conhece sobre a realidade e as vivências dos indivíduos autistas.

¹ UNESPAR, tamyris.simoni@gmail.com

² UNESPAR, cminogueira@uem.br

³ UNESPAR, marcus.bmenezes@ufpe.br



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Esta situação se deve, em parte, porque as metodologias inclusivas quando levadas a prática do cotidiano escolar ocorrem por meio de adaptações, e estas ocorrem baseada no insucesso dos estudantes o que coloca as habilidades e competências não como o ponto de partida das metodologias de ensino. É fundamental que as metodologias priorizem trabalhos com as capacidades dos estudantes dentro de suas possibilidades priorizando seu desenvolvimento biopsicossocial.

Esse trabalho é parte de uma proposta em curso no mestrado em educação matemática no qual a autora objetiva construir uma auto narrativa a partir das vivências particulares, da análise e da interpretação de como se constrói o percurso formativo, as experiências educacionais de uma mulher autista. Dessa forma, as consultas visam o estudo do autismo e o processo de reconhecimento de direitos da pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) a partir da descrição das experiências acadêmicas da autora com a matemática da educação básica ao ensino superior.

As vivências e experiências de uma professora autista, bem como os caminhos e descaminhos para a construção de uma carreira na educação, será apresentada por meio de um relato autobiográfico onde verificar-se-á o impacto desse processo na construção subjetiva de docente da matemática e na própria profissão docente.

A metodologia utilizada no trabalho consiste na pesquisa autobiográfica pois ela possibilita a construção de uma narrativa conectando as práticas individuais com vivências universais permitindo expandir as percepções do particular para o geral. Para Oliveira (2018) a pesquisa autobiográfica verifica-se como viável e como uma possibilidade abundante no estudo sobre as práticas e aprendizados dos indivíduos.

O Autismo e o processo de reconhecimento da diferença

Quando se fala em inclusão social, é preciso pensá-la dentro da complexidade do outro que precisa de humanização. Para isso, ela deve acontecer e deve ser trabalhada, considerada e abordada sob uma ótica humanizada. No entanto, sem mudanças radicais profundas, nas estruturas e mecanismos que asseguram a escolaridade, não será possível manter políticas de inclusão. (Sasaki, 2005).



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Quando se refere a educação inclusiva é preciso salientar que ela precisa ser reestudada e reestruturada, dentro de uma educação para a cidadania. Essa percepção aponta para um entendimento do processo educativo onde o homem possa construir seus Direitos Humanos visando a cidadania e permitindo a inclusão ou reinclusão social.

O que faz o homem mais humano, não é seu conhecimento, a educação, a sabedoria e a autossuficiência. O que faz o homem mais humano é o amor. Ele necessita que o outro o reconheça amorosamente. Portanto, inclui-los significa humanizá-los, significa reinscrevê-los no amor; necessitamos, portanto, de uma substituição radical do modelo educacional. Precisamos ter uma sensibilidade para o coletivo, para a cidadania responsável, para uma ética amorosa em que todos tenham responsabilidade social. Precisamos de uma cultura que nos ajude a exercitar, aprender e produzir essa sensibilidade coletiva globalizada, bem diferente da nossa globalização cultural, que é extremamente individual. (Sasaki 2005, p. 10).

Mesmo que as estruturas físicas das escolas, ruas, banheiros, shopping, cinemas, foram se adequando ao processo de inclusão ainda se faz necessária a conscientização de um movimento muito maior que é a inclusão social de todas as pessoas que foram discriminadas, segregadas e afastadas da convivência com outras pessoas consideradas “normais”. (Sasaki, 2005).

Orrú (2017) descreve que a função social das instituições educacionais se confundem uma vez que os responsáveis ditam aos pais sobre a necessidade de apresentação de laudos médicos ou medicamentos prescritos para estudantes que fogem ao comportamento típico. Assim, muitas vezes, ocorrem casos onde crianças com características diferenciadas como de altas habilidades, são confundidas como deficientes intelectuais por apresentarem déficit de atenção às aulas e comportamento inquieto.

Segundo a autora as forças de massa acabam reduzindo os processos de diferenciação à produção de variedades onde fica evidente a precariedade no decurso de tornar algo único, singular. Relativo à educação, a comunidade escolar pode se posicionar além da tolerância tendo um olhar diferenciado observando quem é o sujeito da educação. Encarregar-se da multiplicidade que nos constitui como sujeitos singulares.

Para pensarmos nas síndromes autísticas é necessário compreender que elas são originadas de alterações precoces e fundamentais no processo de socialização, causando uma cascata de impactos no desenvolvimento da atividade e adaptação, da comunicação e imaginação sociais, entre outros comprometimentos. Mesmo que hajam dificuldades a serem



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

superadas, muitas áreas do funcionamento cognitivo estão frequentemente preservadas. (klin, 2006)

De acordo com o DSM-5 (2014), os critérios para diagnóstico do TEA são: Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos; Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida); e Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no presente.

As pessoas com necessidades educacionais especiais são cidadãos de direitos e devem ser respeitados na sua integralidade. É para isso que a Educação Inclusiva existe e deve ser continuamente aprimorada. Ela é compreendida como um movimento que defende o “[...] direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação” (BRASIL, 2010, p. 10). Lutar por políticas públicas de Educação Especial faz-se necessário pois ela é uma “[...] modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização [...]” e permite a inclusão efetiva de indivíduos na sua diversidade. (BRASIL, 2010, p. 22).

Educação Matemática e o Autismo

A Educação Inclusiva conceitua as diferenças que se apresentam no ambiente educacional, tais como as de gênero, etnia, cultura e de outras formas na diversidade humana. Algumas dessas diferenças são as que compõe Educação Especial, uma modalidade que visa favorecer o desenvolvimento educacional de um determinado grupo de estudantes, que são classificados como público-alvo da Educação Especial. (VIANA, 2019)

O autor contempla que dentre os estudantes que participam desse processo inclusivo, Educação Especial, encontramos os que apresentam o Transtorno do Espectro Autista (TEA), transtorno também conhecido apenas pela palavra “autismo”. Assim, guiados pela



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Educação Inclusiva, Educação Especial e Autismo, observamos que a Educação Matemática promove pesquisas que se vinculam com as especificidades da Educação Especial.

Nesse contexto, o percurso formativo é de suma importância para a formação geral do indivíduo com TEA e deve iniciar o mais cedo possível. Segundo Silva (2014) para tal objetivo é preciso observar:

Comportamentos como isolamento, preferência por objetos em detrimento de pessoas, pouco interesse pelas atividades escolares e dificuldade de submeter-se a regras influenciam na adaptação da criança com TEA ao contexto escolar. São, portanto, características do próprio transtorno. No entanto, a qualidade do processo de escolarização depende da capacidade do ambiente acolher esta criança e oferecer a ela oportunidades de aprendizagem, das quais, com as suas características particulares, possa tirar proveito. Por outro lado, os problemas de comunicação, interação e comportamentais, muitas vezes são contornados com o incremento da participação do aluno em contextos de interação regidos por regras que vão sendo paulatinamente incorporadas. (SILVA, 2014, p. 75).

Segundo Seixas (2018) somente a estruturação do ensino e sua sistematização em passos não garante a aprendizagem matemática de alunos com TEA. É necessária a construção de significados dos objetos matemáticos envolvidos. Para que haja um efetivo processo de ensino e aprendizagem da Matemática para alunos com TEA é preciso considerar as características deste público. Deve-se efetuar as escolhas corretas dos materiais, recursos e estratégias para que estejam em consonância com as habilidades a serem desenvolvidas.

A pesquisa narrativa e contexto da pesquisa autobiográfica

Oliveira (2018) descreve que a capacidade do uso da linguagem é algo intrínseco ao ser humano. Narrar o mundo e a si mesmo abre oportunidade ímpar para seu desenvolvimento já que permite trabalhar no campo das ideias com fatos reais ou ficções e navegar pelo espaço e tempo. É importante salientar que a narração não é a descrição fiel do fato, mas como ele foi construído mentalmente pelo narrador. No narrado podemos conhecer mais acerca da subjetividade do narrador do que a “verdade” em si do narrado.

Sobre a pesquisa biográfica, Oliveira (2018, p. 383) descreve:

As argumentações apresentadas neste artigo referendam a pesquisa autobiográfica como viável, válida e mais, como uma alternativa rica no estudo sobre o ser humano. [...] Como foi apresentado, a narrativa está presente nas produções “textuais” da humanidade: artes visuais, danças, músicas, moda, além da própria



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

fala. Conteúdo e forma marcam o estilo do narrador. A Psicologia Cultural fundamenta esta perspectiva e trata a narrativa não como descrição fiel, mas como uma leitura fruto da construção mental do narrador, uma conexão entre o singular e o universal na qual se pode abstrair o sentido atribuído. A construção do texto da narrativa apresenta seus pensamentos, sentimentos, certezas, dúvidas, reproduções e inovações alimentadas pelas interlocuções desde produção até emissão. A memória está presente de modo ativo, libertador e não meramente reprodutivo [...].

Sendo assim, construção narrativa emerge do emaranhado de resultados da leitura de si e do mundo sobre sua perspectiva. As narrativas oportunizam o encontro do individual e do coletivo visto que o narrador traz a marca do singular em sua narrativa, ao mesmo tempo em que traz a marca da cultura, da história, do contexto. O pesquisador, quer seja na pesquisa narrativa ou autonarrativa, não é neutro. Ele vive uma dualidade de proximidade e distanciamento, de apropriação e estranhamento, de conforto e angústia. (Oliveira, 2018).

O itinerário das experiências educacionais e acadêmicas de uma mulher autista

O diagnóstico do autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), por não se tratar de uma deficiência identificada de forma laboratorial, é feito a partir da análise de uma série de comportamentos e sintomas. No entanto, devido ao fato das pesquisas realizadas serem feitas basicamente em pessoas do gênero masculino, a maneira como se passou a entender o autismo foi baseada em experiências de garotos. Este processo acabou resultando em uma incidência de homens com diagnóstico autista quase quatro vezes maior do que a de mulheres (alguns estudos afirmam um número até 10 vezes maior) o que resultou em uma crença de que o autismo possui predominância masculina (Hill, 2012 apud Pereira, 2019).

Estudos afirmam que o sexo biológico altera a maneira como doenças, deficiências e até medicações afetam o organismo. O grupo Sex and Gender Women's Health Collaborative é composto por pesquisadores que analisam as diferenças de comportamento entre homens e mulheres mediante a utilização de medicamentos e a observação de sintomas de doenças de diagnósticos iguais. De acordo com eles, cada célula possui um sexo e isso influencia diretamente na forma como os corpos respondem a estímulos, o que poderia explicar a diferença de diagnósticos entre homens e mulheres autistas. (INDEED..., 2018 apud Pereira, 2019, p. 1)

Homens e mulheres são diferentes não somente por seus órgãos genitais, mas por exemplo pela maneira que respondem a medicamentos e de manifestar efeitos colaterais,



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

ocasionando divulgações incompletas sobre causas e sintomas de doenças sérias. Com o diagnóstico de autismo aconteceu o mesmo. O mesmo ocorreu com o diagnóstico de autismo. A tabela abaixo demonstra tais diferenças em termos de gênero e sobre ela Pereira (2019) descreve evidenciando as variações:

Os sintomas clássicos ou típicos são as variações encontradas, basicamente, em homens. No caso das mulheres, o comportamento é quase o oposto, como mostra a tabela 1. Isso significa que várias mulheres tiveram problemas na hora de receber diagnóstico e estudos mais recentes levaram ao que hoje é conhecido como “autismo atípico”, que corresponde ao que seria o conjunto de comportamentos mais encontrados em mulheres. (Paschoal, 2019 apud Pereira, 2019, p. 4)

Tabela 1: Diferenças entre autismo típico (masculino) e atípico (feminino)

Autismo Típico	Autismo Atípico
Empatia baixa	Hiperempatia
Gosto por leituras técnicas	Gosto por leituras ficcionais
Preferência por ciências exatas	Preferências por artes e o ensino de línguas
Interesses hiperfocados incomuns para neurotípicos	Interesses hiperfocados comuns para neurotípicos
Crises nervosas agressivas	Crises nervosas com choro
Apego a objetos	Apego a animais
Personalidade e aparência simples	Personalidade e aparência excêntricas
Dificuldade para imaginar histórias ficcionais	Facilidade para imaginar histórias ficcionais
Não imita comportamentos	Imita comportamentos sociais de maneira robotizada

Fonte: PEREIRA, 2019, p. 4.

A experiência com a matemática da educação básica ao ensino superior de uma pessoa autista é marcada por dificuldades que se diferenciam conforme o gênero uma vez que, no caso das mulheres, existem variações comportamentais que a distanciam da percepção básica sobre o autismo o que gera transtornos no momento do diagnóstico. Como vimos na tabela, o “autismo atípico” se refere a um compilado de condutas mais comumente encontrados em mulheres. As vivências pessoais apresentadas na narrativa autobiográfica apontam para uma convergência e aproximação com essas ideais uma vez que muitas mulheres recebem seu diagnóstico em fase avançada.

Considerações Finais



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Este trabalho está em fase de construção uma vez que é resultado do processo de redação de uma dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em educação matemática (PRPGEM-UNESPAR) que traz a experiência vivenciada pela autora e pesquisadora do trabalho que é autista e atua como professora de matemática no ensino fundamental e médio. As conclusões prévias apontam para uma trajetória marcada por caminhos e descaminhos para a construção de uma carreira uma vez que o diagnóstico foi recebido apenas na idade adulta.

Referências

BRASIL. Marcos político-legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

DSM-5. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno. Porto Alegre: Artmed, 2014. P. 50.

Hill, A. (2012). **Not just a boy thing: how doctors are letting down girls with autism.** The Guardian, London. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2012/jul/13/girls-autism-sex-bias-children>. Acesso em: 09/06/2023

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Esclarecendo as Deficiências: Aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva.** São Paulo, SP: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2008.

INDEED, **Sex Matters! Gender Matters!. Sex and Gender Women's Health Collaborative.** Disponível em: <http://sgwhc.org>.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** Revista Brasileira de Psiquiatria, 28, 3 – 11 (2006).

OLIVEIRA, V. M. de; SANTIAGO, C. R. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa.** Linhas Críticas, 23(51), 369-386. (2018)

ORRÚ, E.S. **O re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PEREIRA, A. K.; SOUTO, V. **A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres.** In: Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação Sociedade Brasileira de Design da Informação. Belo Horizonte. 2019. p. 1403-1411.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: o paradigma do século 21.** Revista Inclusão. Ano I, n. 1, p. 19-23, out., 2005.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

SEIXAS, Sofia; MANRIQUE, Ana Lúcia. *Transtorno do espectro autista: contribuições para a educação matemática na perspectiva da teoria da atividade*. Revista de Educação Matemática (Remat), v. 15, n. 20, p. 483-502., 2018.

SILVA, M. V. T. **Trajetórias escolares de alunos com Transtorno do Espectro Autista e expectativas educacionais das famílias**. 2014. 95 p. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VIANA, Elton de Andrade; MANRIQUE, Ana Lucia. **Cenário Das Pesquisas Sobre O Autismo Na Educação Matemática**. SBEM Sociedade Brasileira de Educação Matemática - Educação Matemática em Revista, Brasília, v. 24, n. 64, p. 252-268, set./dez. 2019.